

ELVIRA VIGNA

Por escrito



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Elvira Vigna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e desenho
Elisa von Randow

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Carmen T. S. Costa
Jane Pessoa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vigna, Elvira
Por escrito / Elvira Vigna. — 1ª ed. — Companhia das Letras,
2014.

ISBN 978-85-359-2474-9

1. Romance brasileiro I. Título.

14 - 06369

CDD - 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira

869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

I
O FIM DAS VIAGENS

1.

É primeiro de janeiro e lembro disso por causa do passeio que fizemos de manhã. Dormi na tua casa. Nesse dia ainda chamo tua casa de tua casa embora saiba que vá virar nossa casa logo depois. Essa, a que vai, não hoje, eu aqui escrevendo, mas a qualquer momento, virar tua casa outra vez.

Dormi na tua casa de véspera porque é isso que faço em caso de viagens, embora não assuma.

“Dorme aqui, te levo.”

“Não precisa.”

“Ah, precisa.”

“Bem, o.k.”

“O.k.”

O diálogo mais uma vez repetido e mais uma vez as risadinhas, a minha e a tua, no entendimento de que não se trata só de carona para o aeroporto, mas de trepada, um queijo, tomates, vinho, o braço em cima de mim pelo menos nos primeiros minutos depois de a luz apagada, eu gostando do teu braço em cima de mim, o olho aberto adivinhando o teto por alguns minutos,

talvez muitos, até que me viro, agora o olho aberto adivinhando a parede ao lado, umas apagadas rápidas num sono que nem parece sono. E a claridade da futura manhã. Você não fecha a persiana, então não me preocupo, chegam rápido, as manhãs na tua casa. São insônias confiantes, essas.

O avião sai às cinco e cinquenta da tarde, check-in às três e cinquenta, são sete e pouco da manhã e a cama, arrumada, tem, nesse dia, a maleta de mão já fechada em cima e, por cima da maleta, o casacão antiquado, pouco prático (branco), mas é o único, então é ele. Depois, no aeroporto, vou tomar nota do passinho da manhã e é fácil dizer que não sei por que tomo nota, mas sei.

É a ideia de fim. Porque quando acabam, as coisas, tenho essa vontade de que não acabem, mesmo quando, como é o caso aqui, nesse dia e hoje, eu aqui sentada, as coisas não propriamente acabem, mas são acabadas, e por mim, que fico então com uma vontade de que não acabem.

E, nesse dia, em que ainda nem começamos o que chamamos de casamento, e que chamamos de casamento meio que para diferenciar o nosso juntos-separados de tanto tempo, e que chamamos de casamento sempre rindo que é para deixar claro, para quem escuta e para quem fala, que se trata de coisa ridícula, casamento, e a boca entorta para baixo, as risadas. Mas, nesse dia, em que ainda nem começamos o que depois iríamos chamar de casamento, então não é o casamento que acaba. Não ainda. São as viagens. Seria a última, me digo nem me dizendo, me testando para ver como soa, nem me testando. Não disse em voz alta:

“Olha, é a última viagem afinal.”

Olha, quando eu voltar, venho de vez pra tua casa, largo as viagens e ficamos os dois, o dia todo, um de costas pro outro, cada um numa tela do facebook. Ô vida boa, né, benhê.

Não disse. Não disse nem para mim mesma. Mas fotografo tudo, anoto tudo, os detalhes. Para que não sumam. Para que não acabem.

Primeiro cenário: eu anuncio mal entro no escritório: adeus. Ou, mais provável, eles me despedem, aproveitando minha recente diatribe no telefone com o aspargo que é o meu chefe. Ou ambos:

“Foi minha última viagem, adeus.”

E a resposta incluindo um até que enfim, que alívio, achei que ia ter de te despedir, no “que pena” educado.

A maleta está em cima da tua cama. Não gosto dela. Antes havia a mochila amarela. Você é quem enche meu saco dizendo que mochila não seria apropriado, e me dá a maleta. Nunca despacho bagagem, carrego eu, sempre, minhas próprias pedras.

Olho para essa maleta ausente como se ainda estivesse lá, ela, e eu, na frente dela. O casacão por cima, e umas botas, espantosas, no chão. Vou de botas e essa é minha única decisão firme do dia. Não sei o que farei a teu respeito, bem pouco sobre o apartamentinho da Domingos de Moraes que comprei e do qual não gosto, e, quanto ao trabalho, os berros no telefone talvez indiquem um caminho por mim, tomem a decisão que não tomo. É minha esperança.

Vou de botas. É botas ou tênis. Não cabem dois pares de sapato na maleta de mão. Tem o evento, que é chique. E mais um motivo, é inverno em Paris. As neves do Kilimanjaro. Não tem mais neve no Kilimanjaro, nem em Paris.

Começo a calçar as botas.

“Você vai de botas?”

Você se refere ao passeinho. São sete e pouco da manhã. Se vou de botas no passeinho.

“Vou.”

Posso enumerar a lista de motivos, terminando com as neves do Kilimanjaro, mas não espero que você entenda. Não espero que você entenda nada nunca. Então, digo só que vou de botas no nosso passeinho com o cachorro, ali na Paulista, num primeiro de janeiro, sete e pouco da manhã. E com chuva.

Uma chuvinha fina, suja.

“É mais prático. Assim já fico pronta.”

Você só me olha. Sabe que não entende nada. Nem tenta.

Descemos. O cachorro está contentíssimo. O cachorro costuma ficar contentíssimo com frequência. Por exemplo, quando me vê: gane, se mija todo, abana o rabo. Você podia aprender.

Tomo nota, depois, sentada no aeroporto, desse passeinho, como quem toma nota de datas e nomes em documento importante, papel a ser encontrado em urna de metal lacrada dentro de cratera da lua.

Não precisava. Eu lembro.

A rua está suja. Primeiro de janeiro, o réveillon acaba de acabar e chove. Então a sujeira vira lama. Tem arquibancada sendo desmontada, tem garis de roupa laranja dançando danças de palhaços em suas fantasias laranja e fazem isso há muito tempo. Estão lá, dançando essa dança, há muito tempo, vindos de um réveillon muito antigo, de antes mesmo de a Paulista ser a Paulista, e o réveillon o réveillon. Um caminhão de lixo puxa meu curso de fordes-bigodes, e melindrosas riem e todas elas sou eu, a mão na boca, hi, hi, hi. Fico rindo lá, um hi, hi, hi mudo e imutável, em branco e preto, por muitos séculos, parada nos meus passos duros que se repetem, toc, toc, dentro das botas. Decido jogar um talco para o ar. Quem sabe ao cair, apaga todo o resto, você.

Você fala.

“Que coisa, hein, o Pedro casando!”

Ah, sim, porque tem mais um motivo para eu não ir de tênis. Tem o evento no qual trabalharei e no qual, portanto, devo

estar com roupa na faixa do aceitável porque estou representando a empresa etc.; tem a maleta onde não cabem dois pares de sapato: devo escolher um e usar esse um durante toda a estada, que é em Paris, portanto, inverno, portanto, sapato fechado, ne-ca de sandalinha, pequena, leve, sapato fechado e eu radicalizo: botas. E tem o casamento do Pedro, e Pedro, desconfio, tornou-se parisiense e deve olhar tênis com horror.

Você espera mais do que uma resposta, você quer uma conversa. Mas:

“Pois é.”

É só o que sai. E balanço a cabeça, quem sabe o chacoalho rearruma as coisas lá dentro e cai algo de interessante no slot, a boca.

Não cai.

E você então continua.

“Bem, é bom pra ele.”

“É, acho que sim, não sei.”

Deveria ter parado no acho que sim. O não sei é excessivo. Você está muito sensível em relação a hesitações explícitas de minha parte quando se trata de casamento. Você quer que a gente more junto, já, nesse dia. Você quer que a gente more junto há muito tempo, já, nesse dia. Casamento é bom para homens. Divisão de despesa, uma cretina que se preocupa com as chatices da casa e que emite a cola emocional/afetiva necessária. E nenhuma obrigação de retorno com nenhuma dessas três coisas.

Subimos a Haddock, chegamos na Paulista e eu já sei. As botas serão um problema. Já doem. Quanto mais com quinze dias disso. Sei também, naqueles primeiros passos, que nosso passeinho usual, ir de uma ponta à outra da Paulista, e voltar, também será um problema. Tudo fechado. Ninguém na rua. Tirando os garis cantando modinhas e dançando com suas vassouras para as famílias burguesas que, da janela das mansões, atiram confetes coloridos sobre eles.

Há vários no chão. Confetes, não garis.

Não são confetes.

São pedaços rasgados de papéis variados. Sacos de Doritos, os enfeites da prefeitura que estavam nos postes até há pouco, panfletos de saunas gays. Mas são coloridos, então servem.

Corajosamente, avançamos metros e séculos, céleres em direção à inevitável contemporaneidade: o McDonald's, única porta aberta de todo o percurso. O café deles se torna ótimo, e melhor ainda porque, no patiozinho, deixam entrar cachorro.

Ficamos os três lá.

E depois voltamos, desviando de uma sessão de platitudes com um *siiiinging in the rain* tornado possível a partir de um guarda-chuva estripado na sarjeta. Seria outra espécie de não passagem de séculos e de metros, pois em inglês, essa presença imutável, e em volta do poste, ou seja, num espaço circular. Qual não é.

Depois, já na sala, chegamos no ponteiro das nove e quinze.

Você está de pé, lendo o jornal aberto em cima da mesa.

Digo:

“Vamos?”

Ponho o ponto de interrogação para adocicar.

Você diz:

“Já?!”

Também com um ponto de interrogação. Mas com um ponto de exclamação.

Eu até acreditaria, você surpreso com minha proposta de já irmos, não fosse a cena: você de pé, lendo o jornal de pé, pronto para ir, a qualquer momento.

E vamos.

No elevador, tentamos adocicar mais um pouco com sorrisos, balbucios sobre o trânsito, sempre tão ruim o trânsito, e omitimos se tratar de um primeiro de janeiro, ninguém nas ruas.

E chegamos.

A escolha é entre comida ruim e cara à la carte e comida ruim e cara de lanchonete. Escolhemos a lanchonete, nos parece mais rápida, para mim e para você, embora isso seja o que se chama de entendimento tácito. Não dito.

Combo número cinco para mim, o três para você. A diferença é uma batata frita, que você não come.

Às onze e quarenta passo o portão sem volta da polícia federal. Nada apita e me viro. Você está num canto, espremido no canto onde poderá me ver por mais tempo. Mas acabo que sumo, ou é você. Antes dou um adeusinho e um suspiro, você só vê o adeusinho. E vou contente, rápida, para o universo maravilhoso das cadeiras pré-moldadas da sala de embarque, onde tudo passa, nada fica.

Sento.

São onze e quarenta e cinco. Até as cinco e cinquenta não é nada, não dá para nada, uma miséria, mas não me queixo. Aceito a dádiva e estico as pernas.

Tenho as botas à minha frente. Pus uma segunda meia para que doam menos. Não irá adiantar. Não deviam estar lá, não pertencem aos meus pés. No papelzinho em que tomo nota do que se passa nessa manhã está escrito que não há pinheirinhos na Paulista em primeiros de janeiro. Também não há pinheirinhos nos outros dias do ano. Então, o que tomo nota no papelzinho é na verdade uma ausência de uma ausência. A condição de sem-pinheiro não seria notada, não é para ser notada, já que essa ausência de pinheiros é a presença estabelecida, esperada, no cenário em questão. Mas sei por que tomo nota das ausências, eu sei. É isso, isso aqui que escrevo. É uma questão do que está na nossa frente e nem notamos, o que está ausente mas presente. Qual dos ontens será o amanhã.

Em Paris, haverá pinheirinhos. De metro em metro, ao longo do Sena, em cada porta de cada edifício. E pelas janelas fechadas (o frio) dos apartamentos térreos, verei a iluminação amarelada (quente) dos ambientes, a família à mesa (papá, mamã), o caldeirão fumegante pendurado sobre a lareira, as crianças francesinhas (les petits) cantando em coro um frère jacques sob o olhar benevolente dos pais que trepam, discretos, um sentado no colo do outro, à mesa, o sorriso fixo, o gemido discreto no tom exato da música. E, num canto, o pinheirinho que pisca. É o que verei.

O que deixo para trás, para lá da polícia federal, é a proposta feita por você, e há quanto tempo: eu e você, sentados um no colo do outro, trepando discretos enquanto à nossa frente, sobre a mesa, as pastas de capa colorida de nossa empresa. Gestão cultural. Eu no papel de Zizi. Porque esse é o mesmo plano que você e tua mulher fazem em um tempo outro, que faz tempo mas que não passa. E, entre um ui e um ai, sai um assina aqui benzinho. Isso você, que é o marqueteiro. Um homem prático, portanto.

É o que deixo para trás. Ainda dá, nesse dia.

É difícil dizer, eu lá sentada horas a fio. Ou fácil, porque tenho uma lista e posso citar qualquer coisa da lista. Zizi, Molly, a viagem talvez última, o apê da Domingos de Moraes ou tudo junto. Mas não é nenhum desses itens. Faço isso desde sempre. Sento em qualquer lugar que não seja um lugar específico. E fico.

Nessa época, são aeroportos, halls de hotéis, quartos de hotéis e sarjetas de cidades desconhecidas. Para a superhelga — a alemoa de dois metros de diâmetro que matou e assumiu o emprego de meu superego anterior — estou lá, esborrachada, sem fazer nada, pensando na minha difícil vida. É justificável, dirão todos e eu mesma. Mas, na verdade, não penso. Só fico. Tem uma imagem que me redime. A dos carros em alta velocidade mas que emparelham. Então, por um momento, quem está den-

tro de um e de outro terá a impressão de estar parado. Mas não estão. Estão a mil por hora. É isso que me digo. Eu lá, parada, a bunda já nem mais doendo de tão parada, e me digo:

“Não estou parada. Estou a mil por hora. É que não dá para perceber.”

Antes de sair para o aeroporto e deixar teu quarto, faço o que sempre faço quando saio de um lugar para onde acho que posso não mais voltar: olho em volta. Olho demoradamente em volta. Sempre me digo que é para guardar na memória detalhes que depois vou gostar de lembrar. Mas é o contrário. Olho procurando por detalhes que eu gostaria de lembrar, e serve o que não tem. Qualquer coisa. Pinheirinhos, lantejoulas do século passado, uma neve que seja. E olho outra vez. E ficaria olhando horas a fio não fosse o sentido de ridículo. E o medo de chegar alguém e dizer:

“Nada, não é?”

E eu ter de concordar.

Fiz isso essa viagem inteira. Fiquei olhando. Sei dos detalhes. Todos eles. Mas o principal eu quase perco.